Júlia

o vento que batia na praça era típico de fim de outono
e eu era uma menina
despedindo-me
lentamente
da própria infância
brincando, mas sentindo
o peso da culpa por ainda brincar, o ideal seria
estar tomando um banho
com esponja
depois passar perfume
no corpo
pintar as unhas
para então me vestir como se fosse uma ocasião especial.
por isso eu brincava envergonhada, na testa uma lâmpada
iluminando
este aviso: *não era para você estar aqui*
já que meus pelos
involuntários
protegiam o lugar onde antes era só xixi e o leve formigamento
quando a pele encontrava a calcinha muito rente

isso gerava um

flutuar no meu corpo

e fazia-me ter a dimensão do mistério que era aquele lugar.

nesse dia, na praça

eu estava com uma amiga do bairro.

a mãe dela que nos trouxe

de carro

agora lia um jornal enquanto nos esperava. ela era mais
bonita do que a minha mãe

cheirava melhor também.

tinha um cheiro de

erva-doce despreocupado.

já a minha mãe tinha cheiro de

banana sem casca

estragando, estava sempre ocupada com os afazeres domésticos

e com as demandas emocionais da própria existência.

de vez em quando, deixava-me sair para brincar com alguém.

isso se eu já tivesse secado a louça

e estendido a roupa

e assistido à sua fúria contra as injustiças que lhe eram dirigidas,
resumindo:

quando a minha mãe não precisava mais

de público, então eu podia sair

pra brincar.

foi o caso do dia na praça

e quando chegamos

a minha amiga, a Teté, queria montar uma cidade, trouxe

bola e energia nas mãos.

ela estava infantil de um jeito ridículo, muito acesa, importando-se pouco com os meninos que passavam por nós. já eu estava mais introspetiva, queria brincar de vida íntima das bonecas, por isso afastei-me um pouco

e enquanto a Teté, toda Solta, fazia um grande castelo

no *Ar*

eu levantei timidamente

a minha boneca Nádia M

imaginei que era o dia do batismo dela.

eu não queria ser uma mãe como a minha, gostaria de ser mais parecida com a mãe da Teté. por isso fiquei olhando o vento agraciar o cabelo da dona Sandra e também as folhas do seu jornal.

depois levantei o rosto

e deixei que o vento agraciasse

a minha vida

estava fazendo nascer

uma boa mãe

em mim.

depois eu apresentei

a minha filha Nádia M

aos anjos, quando

para a minha completa Surpresa

por entre os cabelos

loiros de náilon

eu Vi
do outro lado da praça

o meu Pai.

forcei os olhos, não é possível

ele caminhava
a dois palmos do chão.

parecia mais jovem também, quase um estudante
universitário, cheio de
sonhos e
mãos entrelaçadas com
uma Mulher vestida de ouro e cabelo curto.

não me movi, na verdade eu
mal conseguia respirar.

era como se eu tivesse levado um
Tiro,

algo em mim desistia
e ainda que doesse a vida olhá-los tão etéreos
tudo o que eu queria era seguir olhando
o caminhar daqueles dois na calçada agora feita de areia
e sal.

continuei usando
o cabelo da Nádia M como escudo.

reparei que
a Mulher tinha sardas
no colo
e segurava a mão do meu pai, entrelaçada, tão bonita quanto uma atriz de cinema.
— *Júlia, Júlia! olha o meu Castelo, olha!* — *a* minha amiga tagarelou.
— *Shiu.* — avisei, Imponente

eu era uma Espia agora, será que ela não percebia?

foi quando o meu pai pegou na nuca da Mulher de sardas,
colocou a Boca lá.

os dois Sorriram

não sabia que o meu pai tinha tantos dentes e

eu quis chamar
a Mulher de sardas
usaria a voz mais doce deste mundo, usaria
a minha ópera e a minha orquestra
e quando Ela finalmente se virasse
eu pediria, fazendo cara de cachorro triste: Adote-me
sim, Adote-me. ele é meu pai, então
pode fazer isso sem medo.

foi quando Eles atravessaram
a rua como se

Dançassem

sumiram ensolarados

eu invisível

mas

pra mim eles ficaram

duas estátuas no meio da praça: uma mulher de beleza cinematográfica

e

um homem feliz que era o meu pai sempre triste quando estava ao meu lado

eu quis correr

atrás deles

matá-los com o meu hálito de fogo

mastigar
aquela felicidade

manter do meu pai apenas o rosto e depois obrigá-lo a dizer eu te amo anda, diga eu/te/amo.

antes disso, ele responderia: antes precisas de tirar esse olho igual ao da tua mãe.

pois eu Tiraria

tudo o que é a minha mãe em mim, e agora? Pai. agora eu sirvo pra você?

soltei a Nádia M

no chão da praça, a cabeça caiu do pescoço e eu Pisei

também nas formigas

que levavam folhas sabe-se lá pra onde enquanto a Morte fervia na sola dos meus pés.

comecei a brincar Forte

com a bola que a minha amiga trouxe.

— *ei, Júlia. desse jeito você estraga, para. tá me escutando? Para!*

parti

pra cima dela

— *você não cala a boca* (soco) *não cala essa boca* (soco)

a dona Sandra correu pra nos Separar.

tinha a expressão de um diabo no rosto (ficou ainda mais bonita daquele jeito)

jogou-me

pra dentro do carocha

berrou

que teria uma conversa Séria com a minha mãe.

— *que absurdo.* — ela chorava dando partida. — *isso é um Absurdo!*

a minha amiga de boca sangrando de raiva no banco
da frente

eu também sangraria

em breve

quando a minha mãe tirasse a Cinta

do armário.

as surras que eu levava

eram as surras que a minha mãe levou

em looping

na minha pele, na pele dos filhos que ainda não tenho.

é o que chamam de carma ou: carregar uma pedra
involuntária no coração.

— (passando a mão no cabelo da filha) *você tá bem, Teté?*
tá doendo muito?

e ainda que eu caísse de um tobogã altíssimo

ninguém passaria a mão no meu cabelo daquele jeito.

— *tá tudo bem, mãe, foi só um susto.*

É. foi só um susto, pensei

enquanto as duas sorriam uma pra outra

e por incrível que pareça, o meu ato

tinha fortalecido ainda mais aquela relação.

sabe, Pai

ver-te andando com aquela Mulher na praça

fez-me entender

que você saiu de casa porque a nossa casa

ou seja a Mãe

era um lugar inóspito para você derramar o seu amor

uma terra infértil, não chove

pelo contrário, o sol torra cada pedaço de vida de um jeito
que não sobra nada no horizonte e ainda assim

eu nasci.

chegamos na porta da minha casa, Infelizmente.

antes, quando a dona Sandra me enfiou no carro, percebi
que o jornal tinha ficado na praça, provavelmente

no banco, com as folhas voando ou

querendo voar.

eu ia avisá-la, mas

a voz

não saiu da boca, foi ali que o meu ato

começou a pesar em mim.

dizem que isso é o pior, não é? quando alguém comete
um crime.

não o cárcere

ou o exílio

mas o encontro

com a própria consciência.

a mãe da minha ex-amiga saiu do carro.

saí também, as pernas

magríssimas, os joelhos

ossudos tentando
esconder-se.
mas não tem volta, és o meu corpo
e nós estamos juntos
nessa
e em todas, enquanto eu viver.

a dona Sandra tocou a campainha da minha casa
repetidas vezes
num curto espaço de tempo.

a minha Mãe atendeu secando a mão no avental.
tinha essa mania insuportável
de usar avental ininterruptamente
mesmo que estivesse a ver televisão.

Ela ouviu
imóvel

tudo o que aquela mulher tinha a dizer-lhe sobre o meu
Comportamento na praça, nenhuma das duas
dirigiu-me qualquer olhar.

procurei algum refúgio
no rosto da minha ex-amiga
que estava dentro do carro
protegida pelo vidro
e ela tampouco me olhou.

quando a dona Sandra terminou o seu discurso

foi embora falando sozinha, pensei que talvez estivesse
praguejando.

entrou no carro, deu um abraço na Filha.

acelerou o carocha

e a rua ficou

em Silêncio, alheia a tudo.

entramos em casa, Infelizmente.

os Passos

pesados da minha mãe, uma mulher pequena, mas

Sisuda, corroíam-me por dentro.

ela costumava falar muito, especialmente quando Brava,
mas nesse dia calou-se.

deixou-me sozinha na sala por eternos minutos

ouvi

o barulho do fogão ligando

e pensei que ela esquentaria uma panela de água pra me queimar.

quando voltou somente com a Cinta

eu fiquei

bem mais calma

que bom

que vai ser o de sempre

e Foi,

um pouco mais longo que o normal. ela também me disse
que essa história de sair pra brincar tinha terminado

até porque eu já era uma moça

estava na hora de assumir algumas responsabilidades

— *isto aqui não é hotel.*

e enquanto ela falava
eu percebi que o meu coração
estava longe
naquele dia, estranhamente
a Violência dela não me alcançou.
talvez porque
enquanto eu apanhava
e depois escutava
o sermão
reconheci na minha garganta
um formato
de semente
dentro a notícia
que ventou na praça: o pai tem Outra
(e que Outra!)
eis o grito
que não dei
mas poderia, pela primeira vez eu tinha algo nas mãos.

Anos depois.

encontrei ao acaso

a Mulher de sardas
em frente a uma florista.
dei a volta
no quarteirão, correndo e
fingi trombar
com ela:

— *Desculpa* — pedi olhando Bem para o seu rosto
que agora me parecia tão comum quanto um pedaço de pão.
as sardas
alargadas pelo Tempo
tinham um quê de mancha senil da morte
enquanto ela recolhia
da calçada
o que lhe caiu
da bolsa
inclusive um frasco
de perfume,

e eu?

como recolheria os meus cacos se eles são invisíveis?

eu admirava a vida das outras pessoas, assistia ao movimento da rua pela janela do meu quarto, via

a mala de um carro aberta

enquanto um sol nem forte nem fraco brilhava no céu

e a montanha esperava aquelas pessoas, pacientemente, a montanha ou talvez o mar.

os cachorrinhos latiam, quero ir também, por favor.

não pode, os donos avisavam

sempre de bom humor, é claro, afinal os seus natais e aniversários davam certo, havia bolo, liberdade e tudo fluía, o trânsito, as flores, o tempo.

da janela do meu quarto, eu encontrava algo de

valioso na vida de toda e qualquer pessoa, revirava

o passante

em Silêncio

analisando

cada gesto e cada porte, sempre à procura do brilho fundamental.

sentia-me poderosa fazendo isso, dona

de um segredo secular.

outra coisa divertida aos meus olhos era a Música

e quando não estava tocando nenhuma

eu imaginava

uma melodia deslizante

pelos móveis.

sem canto, só nota

igual àquela que saía do camião de gás, deixando a rua mais bonita por alguns instantes e depois

saudosamente bonita, quando o camião acabava de

passar.

eu gostava Tanto de música.

comecei a criar

melodias imaginárias, se a minha mãe estivesse Brava, por exemplo, eu montava algo com orquestra. agora, se a fogueira materna estivesse mansa, então eu adormecia

nas cordas de um violão.

comecei também a colocar

coisas minhas

no papel

inspirada por Lupita, uma personagem da novela

que adorava deitar na cama

e derramar nas folhas

o dia agradável que tinha vivido

ainda por cima usava

uma tiara vermelha pra escrever.

que ótima ideia, pensei.

isso deve esvaziar a mente, deve ser como
jogar um balde
de água suja
no ralo do quintal.

peguei num caderno
que sobrou do ano passado, abri o meu estojo.
pensei um pouco
mordendo a caneta, depois sentindo
o cheiro da minha saliva.
então decidi começar apresentando-me, achei que seria
mesmo o melhor caminho.

Querido diário,

Eu chamo-me Júlia Manjuba Terra e não acredito no amor. Se eu pudesse escolher, gostaria de me transformar numa música, porque além de bonita ela desaparece quando alguém desliga o rádio. Eu também poderia ser qualquer pessoa aqui da rua ou da minha escola. Mas acho que prefiro mesmo ser a música, esse negócio de sumir por um tempo deve ser um máximo.

travei
nessa frase
senti que estava faltando alguma coisa.

foi quando me lembrei
da tiara xadrez que recebi do meu pai.
não era vermelha
mas tinha vermelho, então
devia servir.

abri a gaveta.

coloquei a tiara
cuidadosamente olhando-me no espelho.

recomecei:

Aqui em casa a gente não se abraça, então quando a professora Cláudia me abraçou, porque eu ajudei a carregar os livros até a sala, eu senti um negócio no pescoço, uma vontade de dormir.

Preciso de te contar um segredo, querido diário. Eu gosto de ficar olhando as pessoas que passam na rua, elas são boas e sortudas, já eu não sou grande coisa, nem os meus pais. Principalmente a minha mãe, o meu pai até que é bom em arrumar namoradas bonitas. De domingo, ele aparece aqui em casa, pra me ver. Pega-me de carro e a gente vai passear, ou fica na casa dele mesmo, que é bem melhor do que aqui. O meu pai nunca me bateu. Quer dizer, só uma vez. Mas eu estava irritante, imitando os movimentos de um polvo.

Às vezes, eu sinto pena da minha mãe. Todo lugar que eu vou, as pessoas falam que eu sou a cara dela. É um saco, eu fico com vontade de chutar a boca de quem diz isso. Queria ser mais parecida com o meu pai, ele não tem a raiva que a minha mãe tem nos olhos. O que me deixa triste é que o meu pai me abandona muito. A minha mãe ele abandonou de uma vez, mas comigo é pior, ele fica me abandonando devagar. Um dia eu vou fugir desta casa pra sempre. E vou levar o rádio comigo, vou levar você também. Quero morar no campo, girar e girar na relva. Até cansar, e depois dormir.

fechei o caderno.

larguei-me na cama como se a cama fosse uma plantação
de girassóis.

imaginei um Sol nem forte nem fraco iluminando o meu rosto

fiquei ali,

abandonada por um tempo

os cachorros da rua latiram, deve ter passado alguém.

guardei a tiara na gaveta.

fiz uma massagem atrás da orelha que doía pela pressão do arco, com a menstruação a minha cabeça ficou cheia de coisas e

Cresceu.

olhei-me no espelho, pós-massagem.

cheguei mais perto
da minha imagem
abri a boca e fiz
movimentos de
língua, os olhos abertos, um tremorzinho que deu
nas costas, o meu riso ecoou
pelo quarto
bateu na parede
caiu.

então eu limpei

o espelho

ele olhou-me de volta, Prateado.

não se apaixone por mim, Ordenei.
